

Opinião

Semear o trigo

ções, que certamente levarão a decisões mais corretas e com menos riscos.

Na esfera econômica, a recente renegociação das dívidas rurais é exemplo, de que avaliar de forma global contribui para a assertividade dos movimentos institucionais do setor. E que o contrário colabora para que o agro seja visto de forma pejorativa, como um nicho de mercado e não como a alavanca de toda a economia.

Ter visão holística é mostrar que as medidas de renegociação do endividamento rural beneficiam toda a sociedade, não apenas os produtores. A renegociação permite aos produtores permanecer na atividade e reorganizar contas, obtendo condições para aumentar a produção, garantindo o abastecimento, a preços equilibrados, de produtos agropecuários para o País e o exterior.

A renegociação mitiga o risco de quebra de parcela significativa dos produtores que, sem ela, ficariam sujeitos a engrossar fileiras de empresários falidos e seus funcionários a se tornar desempregados no campo e, como consequência, migrando para as grandes cidades.

O suporte à atividade rural tem o efeito multiplicador de dinamizar a cadeia produtiva da agropecuária, as economias das regiões produtoras, os negócios do setor industrial e de serviços, garantindo e gerando empregos, bem como contribuindo para o incremento da riqueza do País. A pergunta que fica é será que a sociedade sabe de tudo isso? Falta-nos esse tipo de diálogo com a massa urbana.

Em um mundo caótico, saturado, regido por uma avalanche de notícias, é importante ter um discurso único e um diálogo permanente. O agro não pode ter posições fragmentadas. O setor precisa entender que a imagem que fica para a sociedade é a soma de todas as suas imagens. ■



João Sampaio*

TÃO REMOTO quanto o seu cultivo no mundo, datado de seis mil anos, é também a ligação entre o preço do trigo, o pãozinho francês e a inflação. No Brasil, o produto é sempre um dos vilões da inflação seja qual for o período. Desta vez, não é diferente. Os preços do trigo no mercado internacional aumentaram 125% no último ano. Há somente uma razão, e simples, para o crescimento, que é a oferta menor que a demanda. A solução é produzir mais. Para tanto, políticas de fomento à produção estão sendo implementadas, e já surtem efeito.

No estado de São Paulo, foi iniciado um projeto que envolve toda a cadeia – produtores e sindicato de moinhos – e o governo entra como indutor, oferecendo sementes certificadas. Um acordo de cooperação foi firmado pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, por meio do seu Departamento de Sementes, Mudanças e Matrizes da Cati (Coordenadoria de Assistência Técnica Integral). O moinho adquire a semente certificada da secretaria, desenvolvida nas unidades de produção do estado, e repassa ao produtor com o compromisso de receber a quantidade em dobro na colheita, por um preço de referência.

Há inovação nessa experiência. A negociação direta aproxima produtores e moinhos, que tradicionalmente eram distantes. Outro fator é a participação de 25% nos custos de produção, pois o moinho

oferece a semente ao agricultor, que investe mais recursos em tecnologia de fertilizantes e defensivos, proporcionando produtividade maior e de qualidade.

Talvez até passe despercebida, mas um outro diferencial do programa do trigo paulista é a não-interferência do governo no crédito ou na compra do produto. Se olharmos no retrovisor das políticas agrícolas do País, as intervenções do setor público ou são direcionadas à oferta de recursos a juros subsidiados ou à garantia de compra do produto por preços mínimos. Em alguns momentos de crise de liquidez dos produtores, ou para assegurar abastecimento da população, tais medidas são mais justificáveis, entretanto não deveria ser a regra nas ingerências feitas pelo governo.

O trigo é ainda mais emblemático. O Brasil consome 10,25 milhões de toneladas por ano, e devemos produzir em torno de 5,2 milhões, portanto somos importadores, e dos grandes. Mesmo com o aumento de produção de 35% ficamos aquém da nossa demanda, portanto os preços continuarão a atrair para o cultivo do cereal. O aumento de área é imprescindível. No estado de São Paulo, a região sudoeste é o reduto da produção de culturas de inverno, com destaque para trigo e triticale. A expectativa é quase dobrarmos a área, dos atuais 55 mil hectares para 80 mil hectares com o programa do trigo.

Tradicional importador de trigo, o Brasil sempre ficou à mercê do mercado internacional, seja os devaneios das políticas de *contenciones* argentinas, que param as exportações e retornam conforme a intensidade dos protestos de seus produtores, ou da imposição de preços dos canadenses. Mais que isso, o consumidor e o produtor brasileiros são também expostos às políticas agrícolas de cana ano safra. Para nos tornarmos auto-suficientes, as medidas têm de focar o aumento de produção, sem depender da disponibilidade de recursos, que são poucos para tantos. ■

* Presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)

* Produtor rural e secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo